



Racismo religioso e colonialidade nas redes sociais: uma análise crítica do discurso de influenciadora durante as enchentes no Rio Grande do Sul

Religious racism and coloniality on social media: a critical discourse analysis of an influencer during the floods in Rio Grande do Sul

Leticia Maria FORTE*

Fábio Alexandre Silva BEZERRA**

RESUMO: A propagação de discursos de intolerância religiosa nas redes sociais tem se intensificado, tendo as práticas de matriz afro-brasileira como principais alvos de discriminação e violência, perpetuadas por relações de poder hegemônico intrinsecamente vinculadas ao racismo estrutural e à colonialidade (Almeida, 2019; Nogueira, 2020). Este artigo analisa o discurso de uma influenciadora digital que associou as enchentes ocorridas no estado do Rio Grande do Sul, em abril de 2024, à presença de terreiros de religiões afro-brasileiras na região. A análise fundamenta-se no modelo tridimensional de Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (1995; 2001; 2015), o qual possibilita examinar, por meio das categorias texto, prática discursiva e prática social, como o discurso foi produzido, circulado e consumido nas redes sociais, bem como seus efeitos sociais em um contexto mais amplo. A dimensão textual evidencia o uso de vocabulário carregado de conotações religiosas e pejorativas, com repetições e perguntas retóricas que reforçam a autoridade moral e a narrativa de punição divina. A prática discursiva mostra que o discurso foi estrategicamente produzido e disseminado no Instagram, alcançando um público amplo e consolidando a influenciadora como figura de autoridade religiosa, cuja fala legitima preconceitos e reforça estigmas contra as religiões afro-brasileiras. Por sua vez, a análise da prática social revela a articulação desse discurso com estruturas hegemônicas de dominação religiosa e colonialidade, naturalizando a marginalização e a demonização dessas práticas e de seus seguidores. Os resultados indicam que a linguagem funciona como instrumento de poder, capaz de perpetuar o racismo religioso, reforçar ideologias excludentes e gerar violência simbólica e física contra grupos minoritários. Ao mesmo tempo, aponta-se que a linguagem pode atuar como ferramenta de resistência e transformação, possibilitando a contracolonização e a (re)existência das práticas religiosas afro-brasileiras. Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão das interseções entre discurso, poder e colonialidade nas redes sociais, ressaltando a importância de enfrentar e desconstruir narrativas que legitimam o racismo religioso e a marginalização cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade. Racismo Religioso. Intolerância Religiosa. Análise Crítica do Discurso.

* Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, PB – Brasil. leticiamariaforte@gmail.com

** Doutorado em Língua Inglesa e Linguística Aplicada (UFSC). Professor Associado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, PB – Brasil. fabes10@yahoo.com.br

ABSTRACT: The dissemination of discourses of religious intolerance on social media has intensified, with Afro-Brazilian religious practices being the primary targets of discrimination and violence, perpetuated through hegemonic power relations intrinsically linked to structural racism and coloniality (Almeida, 2019; Nogueira, 2020). This article analyzes the discourse of a digital influencer who attributed the floods that affected the state of Rio Grande do Sul in April 2024 to the presence of Afro-Brazilian religious terreiros (ritual spaces of Afro-Brazilian religions such as Candomblé and Umbanda) in the region. The analysis is based on Fairclough's (1995; 2001; 2015) three-dimensional model of Critical Discourse Analysis (CDA), which allows for examining, through the categories of text, discursive practice, and social practice, how the discourse was produced, circulated, and consumed on social media, as well as its broader social effects. The textual dimension highlights the use of vocabulary loaded with religious and pejorative connotations, including repetitions and rhetorical questions that reinforce moral authority and the narrative of divine punishment. The discursive practice demonstrates that the discourse was strategically produced and disseminated on Instagram, reaching a wide audience and consolidating the influencer as a religious authority whose statements legitimize prejudice and reinforce stigmas against Afro-Brazilian religions. The social practice analysis reveals how this discourse is intertwined with hegemonic structures of religious domination and coloniality, naturalizing the marginalization and demonization of these practices and their practitioners. The results indicate that language functions as a tool of power, capable of perpetuating religious racism, reinforcing exclusionary ideologies, and generating both symbolic and physical violence against minority groups. Simultaneously, language can serve as a tool for resistance and transformation, enabling the counter-colonization and persistence of Afro-Brazilian religious practices. Thus, this study contributes to understanding the intersections between discourse, power, and coloniality on social media, emphasizing the importance of challenging and deconstructing narratives that legitimize religious racism and cultural marginalization.

KEYWORDS: Coloniality. Religious Racism. Religious Intolerance. Critical Discourse Analysis.

Artigo recebido em: 12.09.2025

Artigo aprovado em: 28.04.2026

1 Considerações iniciais

Na sociedade contemporânea, a disseminação de discursos de ódio e intolerância religiosa nas redes sociais tem se tornado um fenômeno preocupante, especialmente contra religiões de matriz afro-brasileira como a Umbanda, Quimbanda, Candomblé, entre outras. Essas religiões têm sido historicamente alvo de discriminação, perseguição e marginalização em espaços públicos e privados (Dias, 2019; Lima Junior, 2024; Rosa, 2022) e seus praticantes são frequentemente vítimas de ações intolerantes normalizadas por discursos hegemônicos de origem cristã, que

acabam levando à destruição de terreiros e até mesmo agressões físicas. Ademais, a intolerância religiosa contra religiões de matriz afro-brasileira está intrinsecamente relacionada ao racismo estrutural (Almeida, 2019; Nogueira, 2020) e seus discursos se intensificam no ambiente digital devido à grande capacidade de influência e propagação nesses espaços.

Com base nesses apontamentos, o presente trabalho visa analisar criticamente o discurso proferido pela influenciadora digital Michele Dias Abreu, que associou as enchentes que acometeram o estado brasileiro do Rio Grande do Sul em abril de 2024 à “ira de Deus” devido ao grande número de terreiros de “macumba” no estado, segundo ela. O uso pejorativo do termo “macumba” reflete e reforça estigmas negativos associados as religiões afro-brasileiras, perpetuando a intolerância e a discriminação (Amorim, 2013). Dessa maneira, compreender as relações de poder que informam esses discursos tem se mostrado uma necessidade urgente de modo que possamos combater o racismo religioso.

Entendemos a intolerância religiosa contra religiões afro-brasileiras como um "efeito do colonialismo e um reflexo da colonialidade" (Lima *et al.*, 2023, p. 15). Esse fenômeno contribui para a marginalização dessas práticas e reforça estruturas coloniais e racistas ainda presentes na nossa sociedade (Nogueira, 2020). Neste contexto, a análise crítica do discurso, em perspectiva descolonial, se apresenta como uma ferramenta importante para desvelar as camadas de significado e poder subjacentes nesses discursos. Diante disso, o presente estudo busca responder às seguintes perguntas de pesquisa: Como o racismo religioso se manifesta nas redes sociais por meio do discurso? De que maneira a colonialidade está ligada ao discurso de intolerância contra as religiões afro-brasileiras? Quais são os efeitos desse discurso na perpetuação do racismo religioso?

Diante de tais questionamentos, o objetivo geral deste trabalho é analisar o discurso de intolerância contra religiões de matriz afro-brasileiras proferido por uma influenciadora digital, com base na análise crítica do discurso, de modo que possamos

compreender sua articulação, disseminação e impacto social. Para atingir esse objetivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: (1) Examinar a linguagem utilizada na fala da influenciadora com base no modelo tridimensional de Fairclough (1995; 2015), investigando como esse discurso é produzido, distribuído e consumido nas redes sociais, bem como seus efeitos sociais no contexto mais amplo; e (2) Explorar as interseções entre racismo religioso e colonialidade, analisando como o discurso perpetua dinâmicas de poder e opressão histórica.

No âmbito teórico, este trabalho explora a intersecção entre racismo, intolerância religiosa e colonialidade. Para isso, foram consideradas como base teórica as contribuições de Sidnei Nogueira (2020) para a compreensão da intolerância religiosa no Brasil, bem como os estudos sobre racismo estrutural de Silvio Almeida (2019), além de alguns apontamentos sobre colonialidade, e necropolítica (Quijano, 2005; Mbembe, 2016). Quanto aos aspectos discursivos, a organização teórico-metodológica se fundamenta na Análise Crítica do Discurso e suas categorias de análise propostas por Fairclough (1995; 2001; 2015) em seu modelo tridimensional.

A seguir, são apresentados os apontamentos teóricos, seguidos do delineamento dos procedimentos metodológicos. Após isso, damos início à análise crítica do discurso com base no modelo tridimensional de Fairclough (1995; 2001; 2015). Por fim, apresentamos algumas considerações finais, quando discutimos as implicações dos resultados bem como os possíveis caminhos para o enfrentamento do racismo religioso nas redes sociais.

2 Racismo religioso e colonialidade: entre intersecções e (re)existências

Historicamente, práticas religiosas não-cristãs, incluindo as religiões afro-brasileiras, foram criminalizadas no Brasil e legalizadas somente durante o período Vargas, em meados da década de 1950 (Amorim, 2013). No entanto, mesmo após a descriminalização, essas religiões continuam sendo alvo constante de discriminação, preconceito e intolerância. Essa discriminação é constantemente normalizada por uma

ideologia hegemônica que parece buscar a promoção da "cristianização da sociedade" através de um projeto de poder, transcendendo questões de fé (Nogueira, 2020, p. 16).

De acordo com Lima *et al.* (2023, p. 8), "o discurso religioso hegemônico exerce poder e produz ideologias excludentes", sendo, portanto, por meio dessas ideologias excludentes que se encontra a intolerância religiosa e o racismo religioso. Entendemos como ideologia as formas de significações da realidade construídas nas várias dimensões das práticas discursivas que contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação. Por outro lado, hegemonia, conforme Fairclough (2001), não se resume à dominação pela força, mas sim à liderança e ao poder exercidos por um grupo sobre outro fundamentalmente por meio da construção do consenso, ou seja, pela difusão de valores, ideias e práticas que passam a ser vistos como naturais ou benéficos para todas as pessoas, ainda que sirvam prioritariamente aos interesses do grupo dominante. Compreender a relação entre ideologia e hegemonia é importante para tensionarmos as relações de poder que dão sustentação a essas práticas discriminatórias contra religiões afro-brasileiras.

Nessa perspectiva, o linguista e babalorixá Sidnei Nogueira (2020, p. 21) define intolerância religiosa como "um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas". Esse processo se dá através da valorização, prestígio e hegemonia de um determinado "eu" em detrimento de "outrem", além da constante estigmatização desse "outrem" pelo exercício de um poder carregado de ignorância, moralismo e conservadorismo. Além disso, a intolerância religiosa se manifesta por meio de discursos de ódio, vandalismo contra templos e terreiros, agressões físicas, perseguições, privações, opressões, impedimentos, demonizações, segregações, que, em sua maioria, são práticas encorajadas por discursos hegemônicos de origem cristã (Nogueira, 2020).

No contexto das religiões afro-brasileiras que, com suas raízes culturais e espirituais africanas, são frequentemente vistas como "outras" e, portanto, alvo de manifestações intolerantes como as citadas anteriormente, consideramos racismo

religioso como a expressão mais adequada para nos referirmos a tais atos de intolerância carregados de violência contra as práticas religiosas afrodescendentes. Isso porque, de acordo com Nogueira (2020, p. 48), “o racismo é central na compreensão da perseguição às religiões de matrizes africanas”. Isso quer dizer que a intolerância religiosa no Brasil está intrinsecamente ligada ao racismo estrutural, que se trata do racismo como consequência das estruturas sociais (Almeida, 2019).

Conforme Almeida (2019), o racismo estrutural é uma forma de discriminação fundamentada na raça que é constantemente normalizada no comportamento social através de práticas, discursos e instituições que produzem e reproduzem desigualdades sociais e marginalizam pessoas negras e/ou racializadas (Almeida, 2019). Pode-se compreender o racismo estrutural como uma herança do processo de colonização, que, mesmo após a abolição oficial da escravatura, ainda permanece influenciando e exercendo poder sobre grupos marginalizados por meio do que Quijano (2005) chama de colonialidade do poder. Nesse sentido, a colonialidade é estruturada por uma lógica eurocêntrica colonialista e movida pela manipulação discursiva que busca constantemente a negação, o apagamento e a marginalização da cultura e da história dos povos negros e originários.

Dessa maneira, pode-se dizer que, assim como o racismo estrutural, o racismo religioso também se estrutura mediante tal lógica eurocêntrica colonialista, basta lembrarmos da forte catequização e imposição da fé cristã pelos colonizadores europeus durante o período colonial, quando perseguiram, violentavam e demonizavam as práticas religiosas dos povos que foram sequestrados de seu continente e aqui escravizados. Sobre isso, Nogueira (2020, p. 47) argumenta que “o racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta”, bem como “se refere a uma negação de uma forma simbólica e semântica de existir, de ser e de estar no mundo” (p. 48). Com isso, podemos interpretar que existe uma negação da humanidade daqueles que tiveram e ainda têm

seus cultos perseguidos e demonizados por meio de um autoritarismo que marginaliza tudo que vem do povo negro (Nogueira, 2020).

De acordo com a filósofa Márcia Tiburi (2021, p. 127), “o autoritarismo é um regime de pensamento que afeta o conhecimento”, é um pensamento que se fecha para o outro, promovendo a ignorância. No tocante aos dados desta pesquisa, o autoritarismo religioso que demoniza aquilo que não está alinhado à religião cristã é aquele que coloca suas crenças hegemônicas como as únicas possivelmente “corretas” e, conseqüentemente, marginaliza tudo o que for alheio a elas, impedindo até que se tenha conhecimento sobre as outras formas de expressão espiritual. Em outras palavras, trata-se de um jogo de linguagem fascista que busca matar o diálogo e acaba promovendo o discurso de ódio (Tiburi, 2021). Por trás disso, existe uma lógica catequética que cria estigmatizações daquilo que foge à lógica hegemônica, criando binarismos, tais como: o sagrado e o profano, o Deus e o Diabo, o cristão e o pagão, o bem e o mal, o certo e o errado, entre outros (Lima *et al.*, 2023).

Nesse sentido, Almeida (2019, p. 72) considera o racismo como “uma tecnologia de poder que torna possível o exercício da soberania”. Essa soberania pode ser associada ao autoritarismo religioso que rejeita a crença do outro e se coloca como soberana diante das mais diversas culturas e epistemes. Dessa forma, o racismo religioso, como parte da tecnologia de poder racista, relaciona-se com uma necropolítica, que, segundo Achille Mbembe (2016), concerne ao poder de ditar quem pode viver e quem deve deixar de existir. Essa relação é observada quando Nogueira (2020) argumenta que

O racismo religioso quer matar existência, eliminar crenças, apagar memórias, silenciar origens. É a existência dessas epistemologias culturais pretas que reafirmam a existência de corpos e memórias pretas. É a existência dessas epistemologias pretas que evidenciam a escravidão como crime e o processo de desumanização de memórias existenciais pretas. Aceitar a crença do outro, a cultura e a episteme de quem a sociedade branca escravizou é assumir o erro e reconhecer a humanidade daquele que esta mesma sociedade desumanizou e matou (Nogueira, 2020, p. 63).

Além da violência física e destruição de terreiros, há ainda uma constante violência simbólica. Tal violência se trata de um projeto de apagamento das práticas religiosas afro-brasileiras através do discurso hegemônico autoritário e opressor, cujo objetivo é aniquilar a ancestralidade africana e a livre expressão da fé. É importante destacar que não são apenas as religiões afro-brasileiras que sofrem com essa violência aniquiladora. Há uma “negação da diversidade” (Nogueira, 2020, p. 62) que causa o entrecruzamento de opressões interseccionais (Akotirene, 2019) direcionadas a todos os sujeitos que não se encaixam na norma cisheteropatriarcal imperialista cristã, incluindo mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, indígenas, negras, idosas, de religiões afro-brasileiros. Em outros termos, todos aqueles que rompem com o padrão hegemônico que busca, a todo custo, controlar a subjetividade do outro.

Nesse sentido, Bezerra (2023) chama atenção para a intersecção entre marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, sexualidade, etnia, origem, classe social, deficiência, idade, religião, cujos entrelaçamentos frequentemente criam avenidas socio-identitárias marcadas por preconceitos e discriminações. Neste artigo, estamos enfatizando os marcadores de raça e religião, mas compreendemos que eles não se apresentam de maneira isolada, nem em desconexão com os demais.

Diante desses apontamentos, consideramos o discurso como um potencial instrumento de propagação de preconceitos e discriminações, inclusive do racismo religioso. Nesse sentido, Tiburi (2021, p.130) destaca a relação entre preconceito e

linguagem ao afirmar que “o preconceito é um tipo de injustiça que se expõe pela linguagem, mas também se cria por meio dela até o limite do crime”. Isso significa dizer que a linguagem em uso serve como um veículo através do qual injustiças e discriminações são articuladas e disseminadas na sociedade. Em uma época em que as redes sociais permitem que os discursos se propaguem rapidamente e que a informação alcance um número cada vez maior de pessoas, esse fenômeno se intensifica e assume relevância humanitária.

Vejamos a seguir, como a análise crítica do discurso (ACD) (Fairclough, 1995; 2015; Resende; Ramalho, 2006) se apresenta como uma ferramenta essencial para entender e desconstruir os mecanismos discursivos que perpetuam o racismo religioso nas redes sociais.

3 Análise crítica do discurso e o modelo tridimensional

A análise crítica do discurso (ACD) é um aparato teórico-metodológico transdisciplinar que investiga o papel da linguagem na produção, manutenção e mudança das relações sociais partindo da concepção de linguagem como uma forma de prática social (Fairclough, 2001; Meurer, 2005). De acordo com Meurer (2005), para que textos sejam analisados de maneira crítica, deve-se levar em consideração suas interações com as estruturas sociais, ou seja, as representações da realidade, das identidades e as relações de poder que perpassam os textos. Para Fairclough (2001, p. 21), o texto é “uma dimensão do discurso: o ‘produto’ escrito ou falado do processo de produção textual”.

Nesse sentido, o modelo tridimensional de análise crítica do discurso, desenvolvido por Fairclough, oferece uma abordagem abrangente para que possamos compreender a relação entre discurso e sociedade, sendo apresentado nos moldes de um quadro dividido em três dimensões inter-relacionadas para a análise de textos como eventos discursivos, a saber: texto, prática discursiva e prática social (Fairclough, 1995; 2001; 2015).

A análise textual foca nos aspectos formais e linguísticos do texto. Fairclough (1995; 2001; 2015) sugere examinar vários elementos do texto, incluindo vocabulário, gramática, coesão e coerência, bem como estruturas narrativas e argumentativas. O objetivo desta dimensão é identificar como a linguagem é usada para construir significados, moldar percepções e influenciar interpretações. Este processo envolve a escolha de palavras, a estrutura das frases e os mecanismos que conectam partes do texto, como conectores e referências pronominais (Fairclough, 1995; 2001; 2015).

A análise da prática discursiva, por sua vez, examina os processos de produção, distribuição e consumo dos textos. O foco desta dimensão está em como os textos estão relacionados a outros textos e gêneros discursivos, além de considerar os processos sociais envolvidos em sua criação e interpretação. De modo geral, a prática discursiva envolve intertextualidade, interdiscursividade e a força dos enunciados. A intertextualidade se refere às referências e relações entre o texto em análise e outros textos, enquanto a interdiscursividade observa como diferentes discursos se entrelaçam dentro de um texto. Sabendo que os textos são construídos dentro de contextos sociais específicos, a dimensão da prática social nos revela como eles são moldados pelas práticas e normas sociais (Fairclough, 2001; Meurer, 2005).

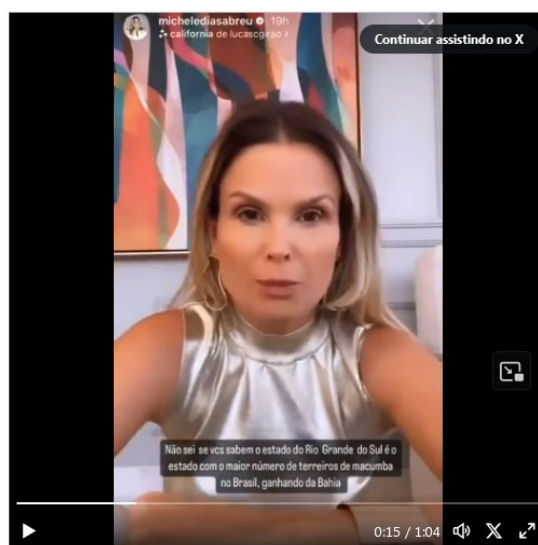
Já na dimensão da prática social, busca-se analisar o contexto mais amplo no qual os textos são inseridos, bem como as estruturas sociais e as relações de poder que os atravessam. Em outras palavras, refere-se à análise de “como as estruturas sociais moldam e determinam os textos e como os textos atuam sobre as estruturas sociais” (Meurer, 2005, p. 83). Nesta dimensão, o foco principal está na compreensão dos efeitos sociais dos discursos, ou seja, como eles reproduzem ou transformam relações de poder, como contribuem para a construção de identidades e relações sociais, e como refletem e constituem práticas sociais particulares (Fairclough, 1995; 2001; 2015).

Diante disso, a ACD se apresenta como um importante método de pesquisa qualitativa para examinarmos como ideologias e preconceitos são articulados e disseminados nos discursos de racismo religioso, especialmente no contexto das redes sociais. Isso se justifica por sua capacidade de revelar as dinâmicas de poder e ideologias presentes na linguagem cotidiana, de modo que nos permite uma análise profunda das relações entre discurso e estrutura social, além de possibilitar uma compreensão crítica dos processos de dominação e resistência (Magalhães; Martins; Resende, 2017; Resende; Ramalho, 2006). A seguir, é descrita a metodologia utilizada a partir das categorias de análise do modelo tridimensional de Fairclough (1995, 2001, 2015).

4 Metodologia

Este estudo de natureza qualitativa e caráter interpretativista tem como objetivo principal analisar o discurso de intolerância contra religiões de matriz afro-brasileiras proferido pela influenciadora digital Michele Dias Abreu. Para isso, devido a sua significativa repercussão, foi escolhido como *corpus* de análise sua fala amplamente compartilhada por meio de vídeo postado nas redes sociais, que associou as grandes enchentes no estado do Rio Grande do Sul em abril de 2024 à presença de terreiros de “macumba” no estado, conforme Figura 1 a seguir, e à “ira de Deus”. Ela utiliza o termo “macumba” de forma pejorativa para se referir às religiões afro-brasileiras, além de culpabilizar estas práticas religiosas pelos desastres que atingiram quase 500 cidades do estado.

Figura 1 – Vídeo: influenciadora culpa “macumba” pelas enchentes no RS.



Fonte: Jornal Metrôpoles.

A coleta dos dados foi feita considerando o vídeo postado no site do Jornal Metrôpoles¹ (Figura 1), visto que sua conta na rede social Instagram foi excluída logo

¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/video-influenciadora-crista-culpa-macumba-pelas-enchentes-no-rs> Acesso em: 5 jul. 2024.

após a repercussão negativa do vídeo. Para analisar a fala da referida influenciadora presente nesse vídeo, foi realizada a transcrição completa do que ela diz – conforme apresentada na próxima seção.

No âmbito metodológico, este trabalho está centrado na ACD, mais especificamente na abordagem tridimensional de Fairclough (2001), que investiga o papel da linguagem na produção, manutenção e mudança de relações sociais de poder partindo de uma concepção de linguagem como prática social. Com base nisso, foram utilizadas as categorias de análise propostas por Fairclough (1995; 2001; 2015) em seu modelo tridimensional, as quais compreendem as dimensões do texto, da prática discursiva e da prática social (Fairclough, 2001; Meurer, 2005), como anteriormente explicitado.

Além disso, foram consideradas as interseções teórico-epistemológicas entre racismo religioso e colonialidade a fim de analisarmos como esses discursos perpetuam dinâmicas de poder e opressão históricas além da interligação com outras formas de opressão como a necropolítica e o fascismo (Almeida, 2019; Mbembe, 2016; Nogueira, 2020; Quijano, 2005; Tiburi, 2021). Através da análise apresentada a seguir, espera-se estabelecer uma compreensão aprofundada de como os discursos de intolerância religiosa são articulados, disseminados e como influenciam as dinâmicas de poder contemporânea, especialmente no que se refere ao racismo religioso no contexto das redes sociais.

5 Análise e resultados

A fala da influenciadora, compartilhada na sua conta do Instagram com quase 32 mil seguidores por meio de vídeo, alcançou três milhões de visualizações, conforme relatado pelo Ministério Público. Após a repercussão negativa, a influenciadora excluiu seu perfil na rede social e foi denunciada por intolerância religiosa pelo

Ministério Público de Minas Gerais², seu estado de origem, tendo sido condenada, em 2025, conforme reportado pelo site O Globo³.

No Quadro 1 a seguir, temos a transcrição da fala da influenciadora. Os negritos foram inseridos por nós para destacar termos centrais à análise nas dimensões textual, discursiva e social do modelo tridimensional de Fairclough, tais como referências religiosas, termos pejorativos e repetições estratégicas.

Quadro 1 – Transcrição da fala da influenciadora que culpa “macumba” pelas enchentes no RS.

*O que está acontecendo no **Rio Grande do Sul**... **Deus** está descendo com sua **ira** total. Eu não sei se vocês sabem, mas o estado do **Rio Grande do Sul**... ele é um dos estados com o maior número de terreiros de **macumba**, mais do que a Bahia. Eu estava vendo ontem e em algumas **igrejas** alguns **profetas** já estavam anunciando em janeiro, fevereiro, sobre algo que ia acontecer no **Rio Grande do Sul** devido à **ira de Deus** mesmo. Então, as pessoas estão brincando, brincando. E muitos inocentes pagam o preço junto, infelizmente, infelizmente, e... misturando aquilo que é **santo**. **Deus** é **santo**, não há um **Deus** maior do que ele e aí as pessoas estão abusando disso. Vocês podem ter certeza que **Deus** não divide a sua **honra** com ninguém, não divide ... e isso vai ter consequências, tá tendo as consequências aí ... o que aconteceu no estado do **Rio Grande do Sul** ... por que que foi o **Rio Grande do Sul**, porque que não foi o estado... é... de Santa Catarina? Olha aí o que acometer tantas cidades ao mesmo tempo.*

Fonte: Jornal Metrôpoles.

Antes de iniciarmos a análise, é importante destacar que “qualquer ‘evento’ discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente como um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social” (Fairclough, 2001, p. 22). Isso significa que as três dimensões (texto, prática discursiva e prática social) atravessam o discurso analisado ao mesmo tempo, mesmo que sejam analisadas uma por vez.

De acordo com Fairclough (2001), a análise textual corresponde aos aspectos formais do texto, relacionando-se simultaneamente à forma e à construção de

² Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/05/18/influenciadora-tragedia-rio-grande-do-sul-religiosos-matriz-africana-denunciada-pelo-mp.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2024.

³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/03/19/influenciadora-que-associou-enchentes-no-rs-a-ira-de-deus-contra-religiosos-africanas-e-condenada.ghtml>. Acesso em: 11 abr. 2026.

significados no texto e se organizando por meio das categorias de vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Nesse sentido, a análise da dimensão textual do discurso envolve examinar a escolha de palavras, o uso de metáforas, as estruturas gramaticais além de outros elementos linguísticos que constroem significado.

No que diz respeito às escolhas lexicais e ao vocabulário empregado na fala da influenciadora, é possível observar que o vocabulário utilizado por ela é carregado de termos com conotações religiosas e pejorativas. Palavras como “Deus”, “ira”, “igrejas”, “profetas”, “santo”, e “honra” são carregadas de autoridade religiosa e moral. A palavra “ira” é repetida para enfatizar a gravidade da situação e sua conexão divina associada à imagem de um Deus punitivo. Além disso, o uso dessas palavras posiciona a falante como uma intermediária da entidade que ela coloca como suprema, supostamente conferindo certa legitimidade ao discurso.

Fairclough (2001, p. 108) afirma que “os signos são socialmente motivados, isto é, há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares”. Isso se torna evidente quando a influenciadora se refere a “terreiros de macumba” de maneira pejorativa, reforçando a imagem estigmatizada das religiões afro-brasileiras. Ao falar em “terreiros de macumba”, a influenciadora está se referindo de maneira genérica e preconceituosa a todas as práticas religiosas afro-brasileiras. Pode-se dizer que a escolha por utilizar o termo “macumba” para descrever as religiões afro-brasileiras é intencionalmente pejorativa quando ela associa essas práticas à causa do suposto “castigo de Deus” que supostamente teria ocasionado as enchentes no estado do Rio Grande do Sul. Isso cria um contraste entre o “sagrado” (associado ao Deus cristão) e o “profano” (associado às religiões afro-brasileiras). Além disso, há ainda uma repetição do nome do estado do Rio Grande do Sul cinco vezes na fala, o que pode ter influenciado a propagação, visto que estava sendo o grande foco da mídia devido à tragédia climática no estado.

Na dimensão textual, observamos a presença de perguntas retóricas como “por que que foi o Rio Grande do Sul? Por que que não foi o estado... é... de Santa Catarina?”

sendo utilizadas para envolver o público e direcionar a narrativa construída por meio de sua fala, sugerindo uma evidência que comprovaria “a ira de Deus” especificamente direcionada ao estado do Rio Grande do Sul. Quando a influenciadora utiliza orações como “Deus não divide a sua honra com ninguém, com ninguém”, e “Não há um Deus maior que ele”, ela coloca sua divindade como superior ao rejeitar outras práticas religiosas. Já nas orações “Isso vai ter consequências, tá tendo as consequências”, observa-se um fenômeno de modalidade deôntica orientada para o futuro (“vai ter”), combinada a um aspecto durativo no presente (“tá tendo”), o que produz um efeito discursivo de certeza iminente e continuidade da punição. Essa construção linguística opera como uma estratégia de legitimação pela antecipação de consequências inevitáveis, reforçando a autoridade profética da influenciadora.

Ao dizer que “Deus está descendo com sua ira total”, ela sugere um castigo divino, intensificando o medo e a urgência e reforçando a imagem de uma divindade raivosa e punitiva. Isso também serviria para justificar os desastres naturais como consequência direta de uma suposta falha moral atribuída ao comportamento humano por seguirem outras práticas religiosas. Já na oração “muitos inocentes pagam o preço”, ela está sugerindo uma consequência inevitável que atinge também os próprios seguidores do cristianismo que residem no estado, naturalizando a tragédia como um resultado da existência das religiões de matriz afro-brasileiras.

Antes de aprofundar a análise dos recursos linguísticos, faz-se necessário identificar o gênero discursivo do material. A fala da influenciadora inscreve-se no gênero testemunho digital (*digital testimony*), que, conforme Schankweiler, Straub e Wendl (2019), caracteriza-se pelo compartilhamento de relatos de experiência por meio de imagens e vídeos em plataformas de mídia social, nos quais as dimensões afetiva e testemunhal se entrelaçam para produzir efeitos de verdade e engajamento. Diferentemente do testemunho jurídico ou histórico, cuja validade repousa na verificabilidade factual, o testemunho digital opera prioritariamente no registro da experiência subjetiva e na sua circulação em redes de afeto e pertencimento

(Schankweiler; Straub; Wendl, 2019). Trata-se, portanto, de uma manifestação contemporânea de testemunho cujas condições de produção, disseminação e consumo são moldadas pelas potencialidades das plataformas digitais – elementos que serão explorados nas dimensões da prática discursiva e social.

No caso em análise, o conteúdo é predominantemente constituído pelo tipo textual argumentativo, organizado em quatro movimentos: 1) tese: “Deus está descendo com sua ira total” sobre o Rio Grande do Sul; 2) justificativa inicial: o estado tem muitos terreiros de “macumba”; 3) reforço de autoridade: profetas já haviam anunciado; 4) conclusão exortativa: “isso vai ter consequências”. Destaca-se, ainda, que não há contra-argumentos ou concessões, o que confere ao discurso um caráter fechado e autoritário, típico de formações discursivas fundamentalistas.

No plano da coesão textual, identificam-se os seguintes recursos: a) repetição lexical anafórica do sintagma “Rio Grande do Sul” (5 ocorrências), que funciona como tópico discursivo constante e ancora a cadeia referencial do texto; b) repetição enfática de itens lexicais como “infelizmente” e “brincando”, que simula espontaneidade oral e produz um efeito de ênfase afetiva, reforçando a carga avaliativa do enunciado; c) paralelismo sintático em construções como “Deus não divide a sua honra com ninguém, não divide”, que reforça a autoridade da afirmação por meio de reiteração estrutural; d) perguntas retóricas, como “por que que foi o Rio Grande do Sul? Por que que não foi Santa Catarina?”, que engajam o público e simulam uma evidência incontestável; e) conjunção implícita de causalidade entre a existência de terreiros e a ocorrência das enchentes, estabelecida pela justaposição dos enunciados sem conectivo explícito, o que naturaliza a relação causal como evidente por si mesma.

A expressão “você podem ter certeza”, mencionada anteriormente, configura-se como marcador de modalidade epistêmica de alta segurança, por meio do qual a influenciadora projeta seu ponto de vista como inquestionável e convoca o público a compartilhá-lo sem reservas. A relação causal entre a existência de terreiros e as enchentes não é marcada por conectores explícitos (como “porque” ou “já que”), mas

sim por justaposição sequencial: a influenciadora primeiro afirma que o Rio Grande do Sul “é um dos estados com o maior número de terreiros de macumba” e, logo em seguida, declara que “Deus está descendo com sua ira total”. A ausência de um conectivo causal explícito tem o efeito de naturalizar a relação como se fosse óbvia ou autoevidente, dispensando explicação.

Em face desses dados, podemos sublinhar a construção do binarismo entre o que seria sagrado e o que seria profano (Lima *et al.*, 2023). Ao definir o Deus cristão como “santo” e contrastar isso com as práticas religiosas afro-brasileiras, a influenciadora constrói uma identidade de superioridade moral e espiritual para os seguidores do cristianismo, marginalizando os praticantes das religiões afro-brasileiras. Dessa maneira, a linguagem em uso (o texto) atua como instrumento de legitimação do preconceito (Tiburi, 2021), assumindo o papel de veículo de disseminação do racismo religioso ao posicionar as religiões de matriz afro-brasileiras como algo tão negativo que seria capaz de despertar a ira divina e causar tragédias.

Na dimensão da prática discursiva, examina-se como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos dentro de contextos sociais específicos, considerando aspectos como intertextualidade, interdiscursividade e a força dos enunciados (Fairclough, 2001; Meurer, 2005). A produção da fala da influenciadora ocorreu em uma plataforma digital, mais especificamente na rede social Instagram, na qual a comunicação é rápida e acessível a um vasto público. A escolha de abordar um evento trágico que estava em pauta no momento, como as enchentes do Rio Grande do Sul, e associá-lo a uma explicação religiosa atende a uma audiência já predisposta a acreditar em narrativas de punição divina. Além disso, observa-se seu posicionamento como uma figura de autoridade quando suas afirmações tomam como base profecias de outras figuras religiosas, o que supostamente conferiria legitimidade ao seu discurso e solidificaria sua posição de liderança espiritual dentro da comunidade de seguidores.

Atrelado a isso, cabe atenção à relevância da denominação “influenciadora digital”, uma nomenclatura cada vez mais comum na contemporaneidade com o

crescimento das redes sociais. De acordo com Batista e Heber (2020), influenciadores digitais são pessoas que têm a capacidade de influenciar a opinião e o comportamento de outras pessoas através de suas redes sociais ao construírem sua influência por meio de postagens regulares, interação com os seguidores e criação de conteúdos relevantes para seu público-alvo. Nesse contexto, Sperb (2020) destaca que os influenciadores funcionam como marcas pessoais, promovendo estilos de vida que engajam e inspiram seus seguidores. Dessa maneira, esses elementos combinados fazem dos influenciadores figuras poderosas no ambiente digital, capazes de moldar opiniões e comportamentos e se tornar referência para seus seguidores que acabam reproduzindo seus discursos ou imitando seu comportamento (Batista; Heber, 2020).

Com quase 32 mil seguidores e um vídeo que atingiu três milhões de visualizações, a fala em questão ganhou uma circulação extensa e rápida e sua disseminação nas redes sociais permitiu que a mensagem alcançasse um público amplo e variado. Além disso, a plataforma de mídia social permite a interação imediata dos seguidores através de comentários, compartilhamentos e reações. Essa interatividade pode amplificar a mensagem, criando um ciclo de retroalimentação no qual a narrativa da influenciadora é reforçada ou contestada em tempo real. Ademais, os seguidores consomem o discurso de acordo com suas crenças e preconceitos preexistentes. Desse modo, aqueles que compartilham da visão religiosa da influenciadora podem interpretar a tragédia como uma confirmação de suas crenças e disseminar ainda mais o discurso de racismo religioso ao passo que outros podem contestar a legitimidade dessa interpretação.

No que se refere à intertextualidade e à interdiscursividade, identificam-se no texto da influenciadora os seguintes elementos: a) menção explícita a “profetas” e a “igrejas”, que evocam uma cadeia de discursos proféticos anteriores e conferem autoridade à sua fala por meio da filiação a uma tradição religiosa cristã legitimada socialmente; b) referência a “anúncios” feitos em “janeiro, fevereiro”, que atualizam discursos apocalípticos de punição divina recorrentes em certas vertentes do

cristianismo; c) a expressão “eu não sei se vocês sabem”, que simula revelação de um conhecimento exclusivo, típica de discursos de suposta autoridade religiosa. Esses elementos criam uma rede de significados interligados que reforçam a narrativa de ira divina e a imagem de uma divindade punitiva. Pode-se dizer que a fala da influenciadora se insere em um contexto maior de discursos hegemônicos autoritários, os quais propagam intolerância religiosa contra todos/as aqueles/as que não compartilham da crença em sua divindade.

Por meio desta análise, pudemos compreender como o discurso foi construído, transmitido e recebido dentro de um ecossistema de comunicação digital, um ambiente de grande propagação de discursos e influência onde as pessoas dizem muito, mas pensam pouco sobre o que dizem (Tiburi, 2021). Isso nos revela as dinâmicas de poder e a reprodução de uma ideologia excludente, que está no cerne do racismo religioso, através da linguagem e das plataformas de mídia (Lima *et al.*, 2023).

A dimensão da prática social, conforme descrito por Fairclough (2001), analisa como os discursos se relacionam com as estruturas sociais, incluindo as relações de poder, hegemonia e ideologia (Fairclough, 2001; Meurer, 2005). Como vimos anteriormente, a hegemonia – concebida por Fairclough (2001) como liderança exercida fundamentalmente pelo consenso, e não pela força – refere-se ao exercício de poder e dominação de uns sobre outros. No contexto do discurso analisado, observamos que a fala da influenciadora reflete a hegemonia cristã e reforça sua dominação religiosa ao utilizar a tragédia que acometeu o estado do Rio Grande do Sul como justificativa para demonizar religiões afro-brasileiras. Esse discurso religioso cristão hegemônico acaba legitimando a exclusão e a marginalização de práticas religiosas que são vistas como “outras”. Além disso, a influenciadora exerce um poder autoritário ao interpretar a tragédia como um ato de ira divina, pois ela está impondo sua visão religiosa particular como verdade absoluta e condenando as religiões afro-brasileiras.

Ao abordar a questão do fascismo como jogo de linguagem, Tiburi (2021, p. 51) afirma que “a performatividade fascista implica que toda pessoa que fala e/ou age como um fascista provoca efeitos concretos na vida dos outros, seja como uma violência simbólica, seja como violência física”. Nesse sentido, ao observarmos a disseminação de um discurso que normaliza o preconceito e reforça estereótipos negativos contra as religiões afro-brasileiras, temos um exemplo claro de uma ideologia que “condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta” (Nogueira, 2020, p. 47) e que nega formas simbólicas de existência utilizando-se da linguagem para desumanizar e estigmatizar grupos religiosos minorizados.

Esses argumentos nos permitem constatar um autoritarismo religioso demonizador perceptível no momento em que a influenciadora coloca sua crença como a “correta” e o seu Deus como “soberano”. Esse autoritarismo se torna algo preocupante devido ao seu poder de influência e propagação no meio digital, além de ser um exemplo de violência simbólica que pode se traduzir em violência física, como ataques a terreiros e praticantes das religiões afro-brasileiras.

Segundo Meurer (2005), os textos têm a capacidade de construir e naturalizar representações da realidade, além de contribuir para o silenciamento da existência de outras realidades. Nesse sentido, a fala da influenciadora contribui para a perpetuação do racismo religioso não apenas pela escolha pejorativa do termo “macumba”, mas, sobretudo, pela operação discursiva que associa a existência de terreiros de religiões afro-brasileiras no estado do Rio Grande do Sul à tragédia das enchentes, estabelecendo uma relação causal implícita entre práticas religiosas marginalizadas e um evento ambiental catastrófico. Essa estratégia argumentativa reflete um preconceito que tem raízes na colonialidade e no racismo estrutural (Almeida, 2019; Nogueira, 2020).

Sendo assim, pode-se afirmar que a propagação desse discurso carregado de preconceito religioso é uma forma de manutenção das opressões raciais e religiosas

que não acabaram com a colonização (Nogueira, 2020; Quijano, 2005). Em outras palavras, a fala da influenciadora é um exemplo claro de manipulação discursiva que busca constantemente a negação, o apagamento e a marginalização da cultura e da história dos povos negros. Desse modo, é perceptível como a colonialidade, como estrutura de dominação, continua a influenciar as práticas sociais contemporâneas, promovendo a demonização de práticas culturais e religiosas afro-brasileiras.

Diante disso, a denúncia do Ministério Público de Minas Gerais e a mobilização social em defesa dessas religiões podem ser consideradas como forma de resistência contra o discurso de racismo religioso proferido pela influenciadora. Porém, é preciso transcender a resistência, pois é na (re)existência que podemos encontrar as formas de enfrentamento das violências simbólicas e físicas que buscam matar a existência das religiões afro-brasileira (Nogueira,2020). Reexistir se torna a melhor maneira de reafirmação da fé e da identidade dessas práticas tão perseguidas e demonizadas. Além disso, devemos nos lembrar de que o discurso de racismo religioso faz parte de uma rede muito maior de disseminação de preconceitos e opressão, pois se configura como um discurso hegemônico fruto da colonialidade que atinge a todas, todos e todes que não existem dentro da norma cisheteropatriarcal branca cristã.

Dessa maneira, é necessário assumir o movimento de contracolonizar como uma forma de reexistência e enfrentamento dessa colonialidade que adentra as subjetividades, quebra suas identidades, tira suas cosmologias, distancia de seus sagrados e impõe novos modos de vida (Bispo dos Santos, 2023). Portanto, a linguagem não serve somente como instrumento de propagação dos discursos de ordem hegemônica e manutenção das relações de poder, ela também pode servir como um instrumento de libertação capaz de desconstruir narrativas opressoras e promover a valorização e a afirmação das identidades e culturas marginalizadas.

6 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo principal analisar discursos de intolerância contra religiões de matriz afro-brasileira presentes na fala de uma influenciadora digital com base na ACD, mais especificamente no modelo tridimensional proposto por Fairclough (1995; 2001; 2015), que nos permitiu uma compreensão mais ampla da fala produzida, distribuída e consumida nas redes sociais. Além disso, ao explorarmos as interseções entre racismo religioso e colonialidade pudemos construir uma análise aprofundada de como esse discurso perpetua dinâmicas de poder e opressão histórica.

Através da análise da dimensão textual, observamos a utilização de um vocabulário carregado de conotações religiosas e pejorativas, que contribuiu para a construção de uma narrativa demonizadora das religiões afro-brasileiras. O emprego de termos como “Deus”, “ira” e “macumba” reforça uma visão autoritária de superioridade cristã que marginaliza práticas religiosas afro-brasileiras. A análise da prática discursiva, por sua vez, mostrou que o discurso foi estrategicamente produzido e disseminado em uma plataforma digital, alcançando um vasto público. Apontamos, ainda, que a influenciadora se colocou como figura de autoridade religiosa e aproveitou a tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul para promover seu discurso preconceituoso, posicionando-se como intermediária de uma entidade suprema e punitiva. Já a análise da prática social revelou como o discurso proferido pela influenciadora digital está atrelado a uma estrutura hegemônica de dominação que tem suas raízes na colonialidade.

Ao caracterizarmos o vídeo analisado como pertencente ao gênero testemunho digital, alinhamo-nos a um campo teórico emergente que reconhece nas práticas de mídia social uma nova ecologia testemunhal (Schankweiler; Straub; Wendl, 2019). Esse gênero distingue-se de outras formas de testemunho por três características: (a) sua circulação é mediada por plataformas cujos algoritmos amplificam conteúdos de alto engajamento afetivo; (b) sua força persuasiva depende menos da verificabilidade factual do que da performance e da autoridade moral de quem testemunha; e (c) seu

consumo é interativo, permitindo que a audiência se torne cotestemunha ao compartilhar e reagir ao conteúdo. Esses traços foram evidenciados ao longo da análise, demonstrando a pertinência do gênero para a compreensão do racismo religioso nas redes sociais.

Em suma, o presente estudo contribui para a compreensão da relação entre discurso, poder e ideologia, demonstrando como a linguagem pode ser utilizada para perpetuar dinâmicas e ideologias excludentes, com ênfase nas múltiplas formas com que os discursos de racismo religioso perpetuam dinâmicas de poder e opressão que dão sustentação para a marginalização das religiões afro-brasileiras. No entanto, também consideramos que a linguagem, além de ser um instrumento de dominação, também possui o potencial de ser um meio de libertação e valorização das subjetividades marginalizadas. Nesse sentido, é preciso usar a linguagem para contracolonizar e reexistir como forma de desafiar e transformar a hegemonia cisheteropatriarcal branca cristã que busca aniquilar existências alheias à sua.

Referências

AKOTIRENE, C. Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. *In*: AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMORIM, M. Macumba no imaginário brasileiro: a construção de uma palavra. *In*: SIMPÓSIO DE PESQUISA FESPSP, 2, 2013, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.fesp.org.br/anais-seminarios-fesp>. Acesso em: 22 jul. 2021.

BATISTA, K.; HEBER, F. Modelo teórico para compreensão da influência social nas interações virtuais no Instagram. *In*: ENCONTRO DA ANPAD, 44, 2020, on-line. **Anais** [...]. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344638136_Modelo_Teorico_Para_Compreensao_da_Influencia_Social_nas_Interacoes_Virtuais_no_Instagram. Acesso em: 18 jul. 2024.

BEZERRA, F. **Linguística Aplicada Transviada: gênero e sexualidade nos estudos da linguagem em perspectiva descolonial, interseccional e transdisciplinar**. Campinas: Pontes Editores, 2023.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

DIAS, J. "Chuta que é macumba": o percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras. **Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, Ano XII, n. 22, 2019. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2019.158257>

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis**. Londres: Longman: 1995.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. 3. ed. Londres: Longman, 2015.

LIMA, L.; DIAS, T.; ROCHA, A. F.; BEZERRA, F. Catimbó-Jurema: uma análise crítica do discurso multimodal sobre o imaginário social religioso no filme *O Auto da Compadecida*. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 58, n. 1, p. 1-15, 2023. DOI <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2023.1.43602>

LIMA JUNIOR, A. P. **O racismo religioso estrutural presente no Novo Ensino Médio do Currículo Paulista: uma análise a partir de dois componentes curriculares**. 2024. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://deposita.ibict.br/handle/deposita/691>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A.; RESENDE, V. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. DOI <https://doi.org/10.7476/9788523013370>

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**, Rio de Janeiro, n. 32, 2016.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise crítica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSA, H. **O papel das redes sociais na luta contra a intolerância afro-religiosa no Brasil**. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Direito – Mestrado – PRODIR, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17312>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SCHANKWEILER, K.; STRAUB, V.; WENDL, T. Image testimonies: witnessing in times of social media. *In*: SCHANKWEILER, K.; STRAUB, V.; WENDL, T. (org.). **Image testimonies: witnessing in times of social media**. Londres; Nova York: Routledge, 2019. p. 1-46. DOI <https://doi.org/10.4324/9780429434853-1>

SPERB, N. **“Influenciador digital” como encarnação do conceito de marca e estilo de vida**. 2020. 224 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1861>. Acesso em: 18 jul. 2024.

TIBURI, M. Fascismo como jogo de linguagem. *In*: TIBURI, M. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar**. Rio de Janeiro: Record, 2020. p. 50-52.